

MATHEUS PACHECO PERBICHE

A RAPOSA E A ASTÚCIA:
REDES INTELLECTUAIS NA IMPRENSA ALTERNATIVA CURITIBANA (1978-1983)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Arte, Memória e Narrativa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosane Kaminski.

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Perbiche, Matheus Pacheco

A Raposa e a astúcia : redes intelectuais na imprensa alternativa curitibana (1978- 1983). / Matheus Pacheco Perbiche. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Rosane Kaminski

1. Imprensa alternativa - Curitiba (PR) - História. 2. Periódicos
alternativos - Paraná. 3. Intelectuais – Paraná - História. 4. *Raposa
Magazine* (Periódico). I. Kaminski, Rosane, 1967-. II. Título.

CDD – 079.81621

RESUMO

A imprensa brasileira passou por alterações consideráveis durante a década de 1970, com a ampliação dos parques gráficos nacionais e a diversificação dos impressos. Nesse meio, proliferaram jornais e revistas que portadores de certas características que conformam o que conhecemos como “imprensa alternativa”. Curitiba fez parte desse processo. Esta pesquisa estuda especificamente periódico curitibano *Raposa* em suas fases: a primeira, como suplemento do jornal *Diário do Paraná*, durante o ano de 1978, e a segunda, entre 1980 e 1983, já intitulado *Raposa Magazine*, como órgão impresso vinculado à Fundação Cultural de Curitiba. Considerando as suas características gráficas e editoriais, o periódico é situado no contexto da produção da imprensa alternativa curitibana, no período de 1971 a 1983, cotejando-o a outros periódicos produzidos por um mesmo grupo de agentes culturais que desenvolveu o *Raposa*. O objetivo mais amplo, assim, é apontar lacunas deixadas pela historiografia que trata do tema, a partir do estudo de um periódico que carrega traços da imprensa alternativa, mas que não se encaixa em conceitos tradicionais desse tipo de imprensa. A metodologia da pesquisa busca analisar as relações entre os agentes (jornalistas, poetas, artistas e publicitários) vinculados à imprensa alternativa em Curitiba a partir das redes intelectuais, que permitem perceber as trocas e circulações de ideias em um contexto de expansão da indústria cultural no Brasil. Um resultado de destaque desta pesquisa foi demonstrar que um mesmo grupo conseguiu publicar diversos periódicos em Curitiba, enfrentando as dificuldades comuns à imprensa alternativa, entre elas, o curto período de duração dos periódicos. Este grupo era composto, grosso modo, por Paulo Leminski, Miran, Ernani Buchmann, Luiz Carlos Rettamozo, Toninho Vaz, Alice Ruiz, Solda, Fraga, entre outros. Tal resultado questiona uma compreensão já estabelecida da historiografia que trata da imprensa curitibana, que afirma que a inovação técnica e estética dos periódicos deve-se principalmente à chegada de Reynaldo Jardim à Curitiba em 1975. No entanto, esta dissertação evidencia que inovações estéticas já eram publicadas em páginas de diversos periódicos curitibanos antes mesmo da chegada de Jardim, e em grande parte pelo grupo apontado acima. Outros resultados apontam que os produtores do *Raposa*, mesmo sendo financiados por um jornal de grande porte a nível estadual em sua primeira fase, e por um órgão da Prefeitura de Curitiba em sua segunda fase, tinham como objetivo manifestar ideias em favor da liberdade de expressão. Para alcançar esse objetivo, traçaram rotas não-convencionais para desenvolver seus projetos de imprensa, utilizando espaços da mídia tradicional, e submetendo-se a autoridades que apoiavam a Ditadura Militar. E, para subverter os processos autoritários, usavam uma linguagem sutil para manifestar suas ideias. Esta foi a hipótese principal traçada ao longo da pesquisa, e demonstrada no texto. Assim, o estudo propõe uma revisão do conceito de imprensa alternativa, apontando que a compreensão acerca do *Raposa*, de que este periódico não era alternativo por ser financiado por um órgão da Prefeitura de Curitiba, ainda vinculada à Ditadura Militar, não é satisfatória. As formas e linguagens das publicações presentes no *Raposa* necessitam de uma leitura minuciosa, atenta aos detalhes, às subversões sutis, e não somente às grandes questões, como o financiamento.

Palavras-chave: Imprensa alternativa. Curitiba. Ditadura Militar. *Raposa Magazine*. Redes intelectuais.

ABSTRACT

The Brazilian press underwent considerable changes during the 1970s, with the expansion of national graphic parks and the diversification of printed material. In this environment, newspapers and magazines that bear certain characteristics that make up what we know as “alternative press” proliferated. Curitiba was part of this process. This research specifically studies the Curitiba periodical *Raposa* in its phases: the first, as a supplement to the *Diário do Paraná* newspaper, during 1978, and the second, between 1980 and 1983, already entitled *Raposa Magazine*, as a printed organ linked to the Cultural Foundation of Curitiba. Considering its graphic and editorial characteristics, the periodical is located in the context of the production of the alternative press in Curitiba, in the period 1971 to 1983, comparing it to other periodicals produced by the same group of cultural agents that developed *Raposa*. The broader objective, so, is to indicate out gaps left by the historiography that deals with the theme, based on the study of a periodical that bears traces of the alternative press, but that does not fit into traditional concepts of this type of press. The research methodology seeks to analyze the relationships between agents (journalists, poets, artists and advertisers) linked to the alternative press in Curitiba from intellectual networks, which allow us to perceive the exchanges and circulation of ideas in a context of expansion of the cultural industry in the Brazil. An outstanding result of this research is to demonstrate that the same group managed to publish several periodicals in Curitiba, facing the difficulties common to the alternative press, among them, the short period of duration of the periodicals. This group was composed, roughly, by Paulo Leminski, Miran, Ernani Buchmann, Luiz Carlos Rettamozo, Toninho Vaz, Alice Ruiz, Solda, Fraga, among others. This result questions an already established understanding of the historiography that deals with the Curitiba press, which states that the technical and aesthetic innovation of periodicals is mainly due to the arrival of Reynaldo Jardim in Curitiba in 1975. However, this dissertation shows that aesthetic innovations were already there published in pages of various periodicals in Curitiba even before Jardim's arrival, and largely by the group mentioned above. The results show that the producers of *Raposa*, even being financed by a large newspaper at the state level in its first phase, and by an organ of the Municipality of Curitiba in its second phase, had the objective of expressing ideas in favor of freedom of expression. To achieve this goal, they traced unconventional routes to develop their press projects, using traditional media spaces, and submitting to authorities that supported the Military Dictatorship. And, to subvert authoritarian processes, they used subtle language to express their ideas. This was the main hypothesis drawn throughout the research, and demonstrated in the text. Thus, the study proposes a review of the concept of alternative press, pointing out that the understanding about *Raposa*, that this periodical was not an alternative because it was financed by an agency of the Municipality of Curitiba, still linked to the Military Dictatorship, is not satisfactory. The forms and languages of the publications present in *Raposa* need a thorough reading, paying attention to the details, to the subtle subversions, and not only to the big issues, such as financing.

Keywords: Alternative Press. Curitiba. Military dictatorship. *Raposa Magazine*. Intellectual networks.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1. EM BUSCA DO CONCEITO DE IMPRENSA ALTERNATIVA	18
1.2. ALGUNS CUIDADOS METODOLÓGICOS	20
1.3. A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	24
2. AS DUAS CARAS DA <i>RAPOSA</i>: SUPLEMENTO DE HUMOR E MAGAZINE	28
2.1. PUBLICITÁRIOS NA IMPRENSA ALTERNATIVA	30
2.2. O SUPLEMENTO DE HUMOR <i>RAPOSA</i> (1978).....	34
2.3. JORNAL <i>RAPOSA MAGAZINE</i> (1980-1983).....	50
3. PANORAMA DA IMPRENSA ALTERNATIVA CURITIBANA	60
3.1. SUPLEMENTO CULTURAL <i>O ESPALHAFATO</i> (1974-1975).....	67
3.2. JORNAL SCAPS (1976)	75
3.3. SUPLEMENTO <i>JORNAL DE HUMOR</i> (1976-1977) – <i>DIÁRIO DO PARANÁ</i>	81
3.4. SUPLEMENTO CULTURAL <i>ANEXO</i> (1976-1977) – <i>DIÁRIO DO PARANÁ</i>	87
3.5. JORNAL <i>PÓLO CULTURAL</i> (1978-1979).....	94
3.6. JORNAL <i>BOCA NO TROMBONE</i> (1979)	103
3.7. A IMPRENSA ALTERNATIVA CURITIBANA E O DOPS.....	109
4. REDES INTELLECTUAIS, IMPRENSA ALTERNATIVA E MECENATO PÚBLICO	118
4.1. REDES INTELLECTUAIS E CIRCULAÇÃO DE IDEIAS	119
4.2. AMIZADES E RELAÇÕES PESSOAIS: INDICAÇÕES PARA CARGOS PÚBLICOS.....	121
4.3. A NOITE CURITIBANA E A CONVIVÊNCIA BOÊMIA	126
4.4. UM JORNAL (IN)DEPENDENTE DE UM ÓRGÃO PÚBLICO.....	130
5. OS COLABORADORES DO <i>RAPOSA</i> INSERIDOS EM ARTICULAÇÕES INTELLECTUAIS A NÍVEL NACIONAL	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
LISTA DE FONTES	166
REFERÊNCIAS	170

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo apresentar o processo de pesquisa realizado ao longo do mestrado em História, que se iniciou em fevereiro de 2019, e seus resultados. Mas os questionamentos que me trouxeram até aqui foram anteriores.

Basicamente, duas situações impulsionaram esta pesquisa: um professor da graduação em História, realizada na Unicentro, em Guarapuava-PR, dizia que o historiador tem que pesquisar o que lhe incomoda. Pois bem, o que sempre me incomodou, na área da História, foi o período da Ditadura Militar brasileira, entre 1964 e 1985. Em longas discussões na pequena sala do LACSO – Laboratório de Cultura, Política e Sociedade –, entre idas e vindas em possíveis temas de pesquisa, era arrastado novamente para o período da Ditadura Militar. A segunda situação determinante foi a leitura de obras de autores da geração *Beat*, como Jack Kerouac e Allen Ginsberg e, posteriormente, a seguinte pergunta: quem trouxe essas leituras para o Brasil? A partir daí, em infundáveis buscas *online* na madrugada, cheguei às revistas alternativas, nanicas, marginais. Em uma pesquisa presencial na Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, acabei encontrando o jornal *Raposa Magazine* e o jornal *Pólo Cultural* – ambos jornais alternativos, publicados entre 1978 e 1983 em Curitiba, e ambos com financiamento público. Desenvolvi o projeto de mestrado a partir deste vasto material e, ao longo do primeiro ano do mestrado, decidimos, em conjunto com a professora Rosane Kaminski, tomar como objeto principal o *Raposa Magazine*, para que fosse viável o aprofundamento do seu estudo numa dissertação. Trata-se de um periódico que se originou como suplemento de humor num jornal de grande circulação, em 1978, e que poucos anos depois, em 1980, ressurgiu como periódico institucional da Fundação Cultural de Curitiba. Ainda que fosse financiado por um órgão municipal, apresentava-se como “alternativo”.

Assim, essa pesquisa tem como principal objetivo compreender o *Raposa Magazine* e o cenário em que estava instituído, pensando-o a partir das pessoas que o construíam, e como as relações dessas pessoas com os poderes ligados à iniciativa privada e à Ditadura Militar possibilitaram o financiamento de suas duas fases (1978 e 1980-1983)¹.

¹ Um primeiro resultado desta pesquisa, divulgado em 2020, é: PERBICHE, Matheus Pacheco. Lutas pela liberdade de expressão dos colaboradores do jornal *Raposa Magazine* – Curitiba, 1978-1983. In: TAROCCO, Gabrielle Barra; FREITAS, Júlia Machado de Souza; e SOUZA, Marco Antônio Campos e (Orgs.). *Anais da*

Para atingir esse objetivo, tive que lidar com dois problemas que permearam todo o processo de pesquisa sobre as fontes históricas:

a) como os editores e colaboradores do *Raposa* (intelectuais historicamente de esquerda) lidaram com um financiamento que tinha origem na Ditadura Militar? Como um jornal de opinião lidou com um financiamento, em sua segunda fase, da Ditadura? Em outras palavras: esses intelectuais foram colaboracionistas da Ditadura ou subverteram o financiamento que provinha da Ditadura para publicar um jornal cujas opiniões poderiam ser de oposição? Esse problema, confesso, foi o grande combustível desse estudo.

b) como um jornal cujo financiamento, como dito, provinha da Ditadura Militar, se manifestava “alternativo”, conforme indicado em seu próprio editorial? De acordo com a historiografia, quais as implicações, desse modelo de mecenato adotado no desenvolvimento da segunda fase do *Raposa*? O *Raposa* pode ser considerado um jornal alternativo?

Esta dissertação busca, assim, elucidar esses dois problemas que, obviamente, levam a outros vários, e formam a problemática da pesquisa.

1.1. EM BUSCA DO CONCEITO DE IMPRENSA ALTERNATIVA

Antes de iniciar reflexões metodológicas, é necessário expor um debate acerca do conceito de imprensa alternativa, essencial para o desenvolvimento de uma argumentação inteligível. O debate sobre este conceito reaparecerá em outras partes do texto. Mas é importante defini-lo já, para não deixar dúvidas sobre os conceitos.

Artur Freitas debate de forma concisa alguns dos termos que circulavam ao redor da contracultura no Brasil na década de 1970:

“Alternativo ou independente”, por exemplo, são expressões imprecisas de cunho sociocultural que pretendem apontar a possibilidade de atuação “externa” à família, ao trabalho e ao mercado cultural. “Ripismo” e “desbunde”, por sua vez, indicam a ruptura deliberada com os valores morais, estéticos e políticos da classe média (sexualidade reprimida, racionalidade instrumental, trabalho tecnocrático, consumismo e casamento cristão), em associação direta com a difusão da cultura *hippie*. Da mesma forma, “underground” ou subterrâneo são termos que não deixam de pontuar o desejo de propagação de uma vida cultural para além – ou para quem – dos principais cânones comerciais e midiáticos vigentes num dado contexto.

“Cultura marginal” ou “marginália”, por fim, fazem convergir uma analogia amorosa entre a marginalização social efetiva, digna de solidariedade e propulsora da raiva civil, e o vigor experimental e criativo de artistas situados “à margem” das instituições culturais².

Para identificarmos um possível conceito de imprensa alternativa, que está dentro de um contexto cujos termos Freitas aponta acima, é necessário identificar a sua proliferação. Flávio Aguiar³ aponta os principais fatores para a criação da Imprensa Alternativa durante a Ditadura Militar:

a) Constante clima de censura nas redações dos jornais tradicionais, cujos dirigentes apoiavam ou, pelo menos, justificavam as perseguições, cassações de mandatos e violações de direitos;

b) Facilidade técnica crescente, “com a introdução progressiva do *offset*, do xerox, e do fax, permitindo a impressão compensadora de tiragens menores e mais baratas, além de facilitar as comunicações entre os grandes centros urbanos”⁴.

Aguiar identifica essa “massa de produtores insatisfeitos com suas condições de trabalho, meios técnicos em transformação, massa de leitores em potencial insatisfeitos com o que liam”⁵ como um contexto favorável para a disseminação de ideias e práticas de imprensa alternativa.

Ao longo dos estudos que resultaram nesta dissertação, a busca por um conceito fechado e estático de imprensa alternativa se mostrou em vão. No entanto, Sérgio Mendes aborda-o de uma forma que cabe ao entendimento desenvolvido ao longo do texto:

(...) a imprensa alternativa não obedeceu a um padrão pronto e acabado. Ela não foi uma espécie de jornalismo que seguia regras, não se tinha na “imprensa nanica” um modelo a ser fielmente seguido, imitado, copiado, era, antes de tudo, uma forma de contestação, um espaço de luta política, um veículo de comunicação que surgia como instrumento de reivindicação social. A imprensa alternativa foi, em outras palavras, uma força midiática que lutou por mudanças, sejam elas no campo político, no campo cultural ou no campo comportamental; foi um discurso contra hegemônico, antigovernista, um espaço alternativo onde jornalistas e intelectuais tiveram chance de escrever o que quisessem, tiveram chance de expor suas ideias, suas concepções de mundo, suas reivindicações, enfim, foi um espaço onde muitos

² FREITAS, Artur. **Festa no vazio**: performance e contracultura nos encontros de arte moderna. São Paulo: Intermeios, 2017, p. 77. Aspas e grifos do autor.

³ AGUIAR, Flávio. **Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo**. In: MARTINS, Ana Luiza e DE LUCA, Tania Regina. História da Imprensa no Brasil. 2ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

⁴ AGUIAR, F., 2012, *Op. Cit.*, p. 160.

⁵ AGUIAR, F., 2012, *Op. Cit.*, p. 160.

tiveram a oportunidade de “vislumbrar” um pouco de liberdade num tempo em que a ditadura e seus aparelhos de repressão lutavam pelo seu fim⁶.

Alguns termos utilizados por Mendes, à primeira vista, não cabem aqui, como, por exemplo, “antigovernista”. Mas outros, como “espaço alternativo” e “discurso contra-hegemônico” são termos que conseguimos visualizar nas páginas do *Raposa* e de outros periódicos analisados. Destaco, principalmente, a busca pela liberdade de expressão, que compreendo como o principal foco do trabalho desenvolvido pelos colaboradores e idealizadores do *Raposa*.

Ao longo da dissertação, portanto, retomaremos essa definição, para discuti-la com outras leituras historiográficas, com as páginas do *Raposa* e com outros veículos de imprensa alternativa produzidos em Curitiba.

1.2. ALGUNS CUIDADOS METODOLÓGICOS

Para melhor explorar o objeto, cuidados metodológicos foram tomados. Entre estes, a descrição e interpretação da imagem, particularmente sensível, uma vez que o *Raposa* é um artefato visual que conjuga, na sua diagramação, texto e imagem. Segundo Joly: “Etapa aparentemente simples e evidente, a descrição, é capital uma vez que constitui a transcodificação das percepções visuais para a linguagem verbal. Ela é, pois, necessariamente parcial e injusta”⁷. Partindo desse preceito, então: “A verbalização da mensagem visual revela os processos de escolha perceptivos e de reconhecimento que presidem à sua interpretação. Esta passagem do percebido ao nomeado, esta transposição da fronteira que separa o visual do verbal, é determinante nos dois sentidos”⁸. As escolhas feitas para a descrição, a partir de semelhanças e/ou analogias, são tomadas a partir de unidades culturais que edificam nossas percepções, influenciando o modo como construímos as descrições.

Paulo Knauss destaca a importância desta dupla-análise, enfatizando as condições materiais de produção:

⁶ MENDES, Sérgio Luiz da Silva. A imprensa alternativa durante a ditadura militar no Brasil (1964-1984): um olhar historiográfico. **Contraponto** – Revista Eletrônica de História, Teresina, n. 1, v. 1, jun. 2011, p. 40. Nesse texto, Mendes faz uma revisão historiográfica de autores que também estudam a origem da imprensa alternativa no Brasil durante a Ditadura Militar.

⁷ JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem** – Lisboa: Ed. 70, 2007, p. 82.

⁸ JOLY, M., 2007, *Op. Cit.*, p. 83.

(...) Trata-se de valorizar as relações entre a história da imprensa e o mundo dos impressos, dando papel de destaque aos editores e suas casas editoriais. Além disso, procura-se aproximar a história da cultura letrada da história da cultura visual, relacionando história da imprensa e história da imagem. Afinal, a imprensa ilustrada foi promotora, em grande medida, da circulação de imagens na sociedade apoiada na leitura das letras, aproximando a narrativa escrita da narrativa visual. (...) ao relacionar cultura letrada e cultura visual, a análise das revistas ilustradas demanda evidenciar como escrita e desenho se combinam, ou como leitura e olhar se complementam⁹.

Em concordância com Knauss, partimos do pressuposto de que: “A intertextualidade é, assim, a base da construção de significados. Sua compreensão é um pressuposto da análise das revistas ilustradas”¹⁰. Este estudo buscará, portanto, analisar as páginas da *Raposa* em um movimento que se esforça por evidenciar como imagem e escrita se complementam, e como, de certa forma, a relação entre uma e outra se intensificou, e participou de rupturas na cultura jornalística do fim do século XX no Brasil.

Outra referência para essa pesquisa, Tânia Regina de Luca, chama a atenção para os cuidados que devemos ter em nível metodológico do estudo no que diz respeito às condições materiais, às condições de produção e reprodução do meio, a circulação, como na sequência:

O conteúdo dos jornais e revistas não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, os objetivos propostos, o público a que se destinava e as relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para compreender outras como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos¹¹.

Assim, partimos desse preceito básico, dos cuidados para compreender as outras questões que perpassam o impresso, não somente as de conteúdo e de estilo. E tais cuidados só podem ser expressos se estiverem em continuidade de diálogo com o período específico de sua produção. No caso do *Raposa*, as suas duas diferentes fases especulam relações

⁹ KNAUSS, Paulo. **Introdução**. In: _____.et al (Orgs.). Revistas ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado. – Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2011, p. 07.

¹⁰ KNAUSS, P. 2011, *Op. Cit.*, p. 07.

¹¹ DE LUCA, T. R. **A Revista do Brasil (1916-1944)**: notas de pesquisa. In: FERREIRA, A. C.; BEZERRA, H. G.; LUCA, T. R. (Orgs.). O historiador e seu tempo: encontros com a história – São Paulo: Editora UNESP; ANPUH, 2008a, p. 118.

diferentes. E cada fase deve ser estudada especificamente, mas também em conjunto com a série:

(...) Abria-se, portanto, a perspectiva, antes não imaginada, de se analisar o periódico em perspectiva diacrônica, o que exigiu a caracterização de cada fase, de modo que se evidenciassem os pontos de aproximação e distanciamento que permitissem refletir sobre a revista como um todo e não apenas acerca de cada fase isoladamente¹².

Desta forma, Tânia Regina de Luca estabelece um padrão de análise sincrônica e diacrônica. Ou seja, tanto análises específicas de cada edição, quanto análises de contextos e em conjunto com outras publicações do mesmo período e lugar. No nosso caso, portanto, trabalhamos com duas fases de um mesmo projeto editorial, que participou de uma série de publicações alternativas em Curitiba nos anos 1970-80. E cada fase será analisada em suas especificidades e contextos, mas também em conjunto uma com a outra – principalmente no sentido da primeira para a segunda, de como a primeira ajuda a construir e influencia a segunda.

Nesse sentido, a metodologia aqui construída busca estudar a imprensa não apenas como fonte, mas também como objeto de investigação, o que leva a questionamentos da fonte, que conduz a problemáticas internas, como evidencia Cardoso:

Em meio ao silêncio dos arquivos, sobram perguntas. Quantas revistas circularam, de fato? Qual era sua distribuição? Quem eram seus leitores? Como ocorria sua produção? Qual sua relação com o restante do universo de impressos? Até que ponto havia empresas e estabelecimentos especializados em sua edição e comercialização? Quais eram as relações de sociabilidade entre seus produtores (editores, ilustradores, homens de letras, tipógrafos, etc.)? E quanto ao partido gráfico, propriamente dito, quais eram as características físicas das revistas? Papel? Tipos? Composição? Impressão? São muitas as dúvidas, e só se sentem seguros para asseverar respostas prontas aqueles que usufruíram pouco do contato direto com as fontes. Quanto mais se pesquisa, mais se dimensiona a lacuna de conhecimento que nos separa desse passado remoto¹³.

Levando isso em conta, vale dizer que o presente estudo tem como meta, também, não estabelecer respostas para a área de pesquisa da história da imprensa alternativa, mas sim evidenciar lacunas que existem e ainda não foram estudadas. Ou, no melhor dos casos, que já

¹² DE LUCA, T. R. 2008a, *Op. Cit.*, p. 121

¹³ CARDOSO, R. **Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado**. In: KNAUSS, P. *et al* (Orgs.). *Revistas ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. – Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2011, p. 18.

foram estudadas por outras perspectivas, mas não por alguma próxima a esta que aqui se realiza.

Entre as perspectivas que já foram estudadas, e que auxiliaram na elaboração desta pesquisa, está o texto de Sérgio Miceli¹⁴ a respeito da presença de intelectuais na composição dos governos de Getúlio Vargas entre 1930 e 1945. Antonio Candido, no texto que prefacia¹⁵ o livro de Miceli, nos apresenta alguns alertas, em forma de correções ou revisões, que podemos utilizar para a composição desta dissertação. Segundo Candido, é interessante perceber como Miceli tenta se sair em meio à dualidade presente na pesquisa histórica acerca da análise individual que, por ser singular, é inoperante, pois não altera a conjuntura em que o objeto está inserido, ou a análise que dissolve o indivíduo na categoria e “atropela demais a verdade singular”. Nesse sentido, Candido aponta que talvez Miceli “julgue mais do que seria preciso, pois coloca a relação intelectual-patrão (...) num nível alto de generalidade desinteressada”¹⁶.

Candido exemplifica sua divergência em relação à Miceli com dois nomes: Carlos Drummond de Andrade (membro do gabinete do ministro Capanema) e Cassiano Ricardo (também membro do governo Vargas). De acordo com Candido, Drummond, mesmo trabalhando para um governo autoritário, “publicou os versos políticos revolucionários de *Sentimentos do mundo* e compôs os versos de *Rosa do Povo*”¹⁷. Cassiano Ricardo, por sua vez, trabalhou, colaborou, concordou e apoiou “pela palavra e pela ação” o regime autoritário varguista, pois “correspondia à sua noção de democracia autoritária e nacionalista”¹⁸. Candido, assim, manifesta sua crítica à Miceli:

Dou esse exemplo não apenas para dizer que Miceli às vezes dá realce excessivo à generalização simplificadora, mas para reconhecer que essa tendência está em todos nós, quando tentamos a operação difícil de conciliar a descrição do destino de cada um com o significado que ele acaba adquirindo realmente no processo histórico¹⁹.

¹⁴ MICELI, Sérgio. **Intelectuais e a classe dirigente no Brasil**. In: _____. Intelectuais à brasileira. São Paulo. Companhia das Letras, 2001. O texto original foi publicado pela editora Difel, São Paulo, 1979.

¹⁵ CANDIDO, Antonio. **Prefácio**. In: MICELI, Sérgio. Intelectuais à brasileira. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p. 71-75. O prefácio de Antonio Candido já é da primeira edição do texto de Miceli, de 1979, republicado na edição de 2001.

¹⁶ CANDIDO, A. *Op. Cit.*, 2001, p. 73.

¹⁷ CANDIDO, A. *Op. Cit.*, 2001, p. 74.

¹⁸ CANDIDO, A. *Op. Cit.*, 2001, p. 74.

¹⁹ CANDIDO, A. *Op. Cit.*, 2001, p. 74.

Esse debate interessa para o presente estudo pois os dois autores pensam essas relações entre ação intelectual financiada por um governo autoritário-ditatorial, situação próxima à aqui estudada. E, ao pensar essas relações, Miceli, prefaciado por Candido, expõe aspectos como a “correlação entre decadência social e recrutamento dos quadros de servidores do poder”²⁰ – querela que acontece também na decadência econômica ocorrida ao longo das décadas 1960 e 1980 no Brasil, no que diz respeito à classe trabalhadora – e “a correlação entre a referida decadência e a produção cultural, inclusive literária”²¹. E, aqui, de fato, se concretiza o interesse à este estudo pois, tratamos de objetos que se assemelham e que estão colocados em recortes temporais distintos (40 anos um do outro) num recorte espacial próximo.

Mesmo em contextos diferentes, a Ditadura Militar (1964-1985) também produziu crescimento da pobreza e da fome (decadência econômica e social), recrutamento de intelectuais de esquerda para os quadros de produção intelectual financiados ou que apoiavam o regime militar e outros modos de produção cultural, tendo em vista o exílio de vários artistas e intelectuais brasileiros ao longo do período de instauração e pavimentação dos instrumentos autoritários do poder militar.

1.3. A ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Quanto à estrutura da dissertação, ela está organizada em quatro capítulos, além dessa introdução. O capítulo 02, intitulado “As duas caras da *Raposa*: suplemento de humor e magazine”, apresenta aos leitores o *Raposa Magazine*, objeto central da pesquisa. Porém, antes de apresentar esse objeto, há uma discussão prévia de algumas ideias do âmbito metodológico, explicando e dando ênfase no processo de pesquisa, além de apontar quais são as referências desta pesquisa. No segundo tópico, há um breve debate acerca da presença dos publicitários na construção do *Raposa*, e como isso interferiu no desenvolvimento do projeto. Na sequência, busca-se demonstrar como o projeto do periódico surgiu em sua primeira fase, qual o seu perfil, quais os agentes envolvidos, e quais são as características principais do suplemento de humor *Raposa*, publicado no jornal Diário do Paraná ao longo de 1978. No último tópico do segundo capítulo, apresenta-se o *Raposa* em sua segunda fase, entre 1980 e

²⁰ CANDIDO, A. *Op. Cit.*, 2001, p. 75.

²¹ CANDIDO, A. *Op. Cit.*, 2001, p. 75.

1983, como jornal vinculado à Fundação Cultural de Curitiba, órgão vinculado à Prefeitura de Curitiba.

O terceiro capítulo, “Panorama da Imprensa Alternativa Curitibana”, projeta um olhar horizontal para alguns periódicos que possuem características de imprensa alternativa e que foram publicados em Curitiba entre 1971 e 1980. Entre eles, *Isso* (1971), *O Sol* (1971), *Scaps* (1974), *Espalhafato* (1974-75), *Anexo* (1976-1977), *Pólo Cultural* (1978-1979) e *Boca no Trombone* (1980). A apresentação dos periódicos foi desenvolvida através de uma análise tipológica e estilística; de suas configurações de suporte (suplemento, jornal, revista); das linhas políticas; e de financiamento (público, privado, coletivo, etc). A leitura e a apresentação horizontal desses periódicos proporcionaram a compreensão de possíveis sequências ou confrontos entre os periódicos, além de demonstrar que houve um mesmo grupo de liderou praticamente todas estas iniciativas de imprensa alternativa.

O *Espalhafato*, suplemento da revista *Panorama* (1974-75) e os jornais *Pólo Cultural* (1978-79) e *Raposa Magazine* (1980-1983) estão disponíveis na Divisão de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná e na Casa da Memória da Fundação Cultural de Curitiba. O suplemento de humor *Raposa* (1978) está digitalizado e disponível para pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, como suplemento do jornal *Diário do Paraná*. Do jornal *Scaps* (1974) foram encontradas apenas algumas páginas em sites da internet. O jornal *Boca no Trombone* (1979) está disponível em sua pasta do DOPS no acervo do Arquivo Público do Estado do Paraná.

Com base na historiografia que estuda a circulação de ideias a partir de fontes literárias e imprensa, como Devés Valdés, Robert Darnton, François Dosse, Ângela de Castro Gomes e Tânia Regina de Luca, o quarto e quinto capítulos consistem em construir uma cartografia das Redes Intelectuais que organizavam e colaboravam com os periódicos alternativos na cidade de Curitiba nos anos 1970 e 1980. Estes estudos possibilitam mapear certas trocas e circulações de ideias nas suas diversas formas de comunicação, para compreender que, além dos conceitos de influência e geração, as redes intelectuais formadas no contexto estudados foram decisivas para as configurações dos periódicos estudados.

Há uma divisão com norteamto basicamente espacial para a divisão dos dois capítulos: o quarto capítulo trata das redes intelectuais basicamente em nível regional, que diz respeito à Curitiba, pensando as relações entre os intelectuais produtores do *Raposa* e os políticos indicados pelos militares e indicados internamente para a composição dos cargos da

Fundação Cultural de Curitiba. Essas relações construíram um alicerce político para o estabelecimento financeiro e de edição da publicação do *Raposa* em sua segunda fase. Além disso, os debates presentes nos jornais *Diário do Paraná* e *Raposa Magazine* permitem entender as críticas, apoios e defesas do *Raposa*. Isso tudo gira em torno do mecenato da Fundação Cultural de Curitiba ao *Raposa*, e os intelectuais que pensaram e executaram esta relação – tanto financeira quanto editorial, pois a direção da Fundação Cultural era também o Conselho Editorial do *Raposa*.

Já o quinto capítulo estuda as redes intelectuais estabelecidas a nível nacional por colaboradores do *Raposa*, estudando como essas redes a nível nacional (basicamente a partir de Paulo Leminski como um exemplo, a partir das diversas fontes que demonstram as suas relações), influenciam a produção cultural de diversos intelectuais. Para as análises narradas neste último capítulo, a utilização de outras fontes além dos periódicos, é essencial: obras como *Uma carta uma brasa através*²², *Envie meu dicionário*²³, os *Ensaio e Anseios Crípticos*²⁴, de Paulo Leminski, e sua biografia *O bandido que sabia latim*²⁵, escrita por Toninho Vaz.

Nesse sentido, estes dois últimos capítulos têm como objetivo compreender o caso específico do *Raposa*, demonstrando como as redes intelectuais em dois níveis, nacional e regional, contribuíram e desenvolveram o debate conceitual da imprensa alternativa em Curitiba, no que se refere à poesia, à literatura, à música, ao cartum, etc.

Esta dissertação busca ser uma contribuição para indicar lacunas no debate historiográfico acerca da imprensa alternativa a nível nacional, a partir da produção curitibana. Para isso, este texto pensa as relações constituídas por intelectuais, que utilizaram com perspicácia variados espaços para produzir a imprensa alternativa, e para publicar manifestações de ideias contrárias ao Regime Militar, principalmente em defesa da liberdade de expressão.

A fábula da *Raposa e as uvas* disserta sobre uma raposa que deseja alcançar o fruto da parreira, que é muito alta, impossível da raposa alcançar. Percebendo a situação, a raposa desiste do objetivo e desdenha das uvas, dizendo que estavam verdes, azedas e que

²² LEMINSKI, P. **Uma carta uma brasa através**: cartas a Régis Bonvicino (1972-1981). São Paulo: Iluminuras, 1992. (1ª edição das cartas de Paulo Leminski à Régis Bonvicino).

²³ LEMINSKI, P. **Envie meu dicionário**: cartas e alguma crítica. – São Paulo: Ed. 34, 1999. (2ª edição das cartas de Paulo Leminski à Régis Bonvicino).

²⁴ LEMINSKI, P. **Ensaio e anseios crípticos**. – 2ª ed. ampliada – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

²⁵ VAZ, Toninho. **Paulo Leminski**: O bandido que sabia latim. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

manchariam seus dentes. No editorial do *Raposa Magazine* número 01, de maio de 1981, o editor Rubinho Gomes fala sobre as críticas ao número zero do *Raposa*, de dezembro de 1980: “Não são poucas as pressões que continuam existindo para impedir a continuidade do jornal e sepultá-lo antes mesmo dele chegar às bancas. Isso porém é como uma fábula e as às avessas”.²⁶ *A Raposa e a astúcia*, é, portanto, uma outra fábula, uma história de um animal esperto que usa da sutileza para driblar as dificuldades e, neste caso, alcança seus objetivos.

Assim, convido os leitores a adentrar nessa história da imprensa alternativa curitibana, que permite mensurar como o *Raposa*, em suas duas fases, manifestou oposições a um governo autoritário, mesmo sob mecenato de um órgão da Prefeitura de Curitiba.

²⁶ GOMES, Rubinho. Editorial. **Raposa Magazine**, Curitiba, maio de 1981, p. 01.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que o sociólogo cultural ou o historiador cultural estudam são as práticas sociais e as relações culturais que produzem não só “uma cultura” ou “uma ideologia” mas, coisa muito mais significativa, aqueles modos de ser e aquelas obras dinâmicas e concretas em cujo interior não há apenas continuidade e determinações constantes, mas também tensões, conflitos, resoluções e irresoluções, inovações e mudanças reais³⁰².

Este trabalho desenvolveu-se como uma maneira de contribuir para o debate acerca da imprensa alternativa, especificamente curitibana, produzida nas décadas de 1970 e 1980, estudando as redes intelectuais estabelecidas por produtores de cultura que vivenciaram o período da Ditadura Militar.

Para tanto, estabeleci um arcabouço teórico-metodológico, que orientou as leituras e caminhos tomados ao longo da dissertação, além da historiografia relativa ao tema, que resolve alguns debates anteriormente, e mostra como avançar em questões que já foram pensadas por outros autores.

Foi necessário então e, antes de tudo, uma apresentação ao leitor sobre as duas fases do *Raposa*, mostrando as suas diferenças entre si e as aproximações e divergências com outros periódicos. As análises sobre algumas edições do *Raposa*, especificamente aquelas que publicam conteúdos críticos ao Regime Militar iniciam a construção do argumento principal do texto.

Um passo atrás, no entanto, foi imprescindível para pensar o contexto, e compreender como o *Raposa* não foi um periódico isolado em seu período de publicação. Pelo contrário, constatou-se que uma sequência de publicações de um mesmo grupo construiu um caminho que levou à sua retomada a partir de 1980, em sua segunda fase. Traçar um panorama histórico, através de uma perspectiva tipológica e estilística de análise horizontal dos outros periódicos alternativos curitibanos, além de apontar possíveis caminhos a outros estudos futuros, possibilitou inserir o debate sobre o *Raposa* em um contexto fértil e produtivo de imprensa alternativa em Curitiba.

Somente após compreender esse processo foi possível desenvolver, de fato, um estudo das redes intelectuais, demonstrando que um olhar para as colaborações intelectuais,

³⁰² WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 29.

tanto em nível regional quanto em nível nacional contribuíram para os debates da produção, da reprodução e da circulação da imprensa alternativa em Curitiba.

Assim, esta dissertação foi elaborou uma perspectiva de leitura a respeito dos periódicos alternativos curitibanos. Perspectiva esta que percebe não somente as continuidades, mas também as coisas não resolvidas, os conflitos reais, que aparecem nas páginas dos periódicos.

A produção deste tipo de imprensa, que se posicionava, normalmente, contra o Regime Militar, primeiramente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, e posteriormente em Curitiba, incita a compressão dos diferentes contextos dentro do período ditatorial. Como a imprensa alternativa produzida em Curitiba foi publicada, em sua maioria, a partir de 1976, a sua análise deve ser em relação ao seu contexto específico. Este foi um dos objetivos traçados na escrita deste texto, que levou a algumas conclusões que divergem da historiografia que analisa a imprensa alternativa produzida em São Paulo ou Rio de Janeiro.

Como explicitado nos Capítulos 02, 04 e 05, o caso do *Raposa*, em suas duas fases, nos pareceu mais controverso e complexo. Até por isso, foi tomado o cuidado de estabelecer uma definição do conceito de imprensa alternativa já nas primeiras páginas do Capítulo 01. Quero dizer que: o caso do *Raposa*, principalmente em sua segunda fase (1980-1983), é diferente de tudo o que foi visto no que diz respeito à modelos de financiamento e mecenato da imprensa alternativa. Por isso, não há como defini-lo em uma comparação rasa com outros periódicos alternativos.

O editorial de Rubinho Gomes (Anexo 2) do *Raposa* de dezembro de 1980 coloca questões que não podem ser analisadas nesta comparação rasa, como dito. Quando ele cita como é difícil conservar o otimismo e a esperança nos tempos em que eles estavam vivendo, ele está falando do período de transição da Ditadura Militar, em que o AI-5 estava revogado, a Lei da Anistia estava promulgada, e estava traçado o caminho para a redemocratização e a reforma partidária. Mesmo assim, as forças militares não haviam largado o osso do poder, e continuavam com perseguições políticas a veículos de imprensa (como demonstrado no item 3.7). Portanto, quando o editor afirma que o *Raposa* é uma síntese de outros veículos de imprensa alternativa anteriores, que “pretende abrigar os mesmos ideais que determinaram a existência deles”, é possível afirmar que o *Raposa* foi um jornal crítico, em termos políticos e chegou até a fazer oposição à Ditadura Militar. Por ser um período que ainda havia prisões por motivos políticos, as publicações contra a Ditadura eram sutis, quase sempre utilizando o

humor como uma chave de leitura, a fim de que a crítica estivesse atrás desse humor, que era um compromisso selado pela liberdade, confirma afirma Rubinho Gomes nesse mesmo editorial.

No conceito de imprensa alternativa estabelecido no tópico 1.1 da dissertação, foi esclarecido que a imprensa alternativa não seguia um modelo prévio. O conceito é elástico a ponto de abarcar quaisquer formas de contestação, de reivindicação social e luta política. E mesmo essas formas não seguiam padrões. Cada periódico alternativo adotava uma linha de produção, reprodução e distribuição. O *Raposa* começou, em sua primeira fase, como um suplemento do jornal *Diário do Paraná*, assim como o *Jornal de Humor*, e o *Anexo*. O *Espalhafato*, suplemento da revista *Panorama*. *Scaps* e *Boca no Trombone* foram totalmente independentes, mas duraram apenas um número. O *Pólo Cultural* era financiado pelo Governo do Estado do Paraná. Todos eles, de alguma forma, veicularam mensagens contestatórias em relação à Ditadura Militar, e promoveram debates culturais que não existiam em outras páginas que circulavam em Curitiba, além de produzir renovações estéticas e de produção na imprensa curitibana, influenciando outros periódicos. E o *Raposa*, em sua segunda fase, que foi financiado pela Fundação Cultural de Curitiba.

Mas não é **tão somente** por isso que podemos apontá-lo como um jornal que não foi alternativo. Temos que entender as outras características presentes em suas páginas: o caráter contestatório, contra hegemônico, de páginas que produtores culturais manifestavam insatisfações em relação ao Regime Militar, e à grande imprensa, apoiadora da Ditadura, através de diferentes recursos, sejam visuais, seja de humor, seja de denúncia de violência, seja de avisos quanto às perseguições. Nas páginas do *Raposa* foram publicadas diversas manifestações pela liberdade, pelas novidades, e pela verdade, firmando o compromisso colocado no editorial de seu número zero, caracterizando-se, assim, também como um periódico alternativo.

O *Raposa* é um produto cultural fruto de tensões, principalmente políticas, e demonstrou-as em suas páginas. Uma tensão é fruto da relação de, pelo menos, dois corpos. Nesse sentido, destaco que o conceito de imprensa alternativa, ao longo da pesquisa foi se mostrando muito mais maleável e relativo do que o pressuposto inicialmente. Ou seja: um artefato cultural, como um periódico, é alternativo em relação ao quê? O *Raposa* é uma alternativa de produção jornalística em relação à grande imprensa. Pois, mesmo financiado pelo *Diário do Paraná* em sua primeira fase, estabelece rupturas estéticas que influenciam a

área do Design, incorporando debates estéticos em desenvolvimento na publicidade para o jornalismo, fato novo e controverso para os anos 1970. E mesmo em sua segunda fase, continua as rupturas estéticas e, também, se posiciona, em diversas situações, contrário à ditadura e seus abusos, estabelecendo, assim, uma divergência **relacional** com a grande imprensa e com a ditadura, pois não se calou frente à violência policial, censura, torturas, e outros crimes cometidos pela mesma ditadura – a grande imprensa, por sua vez, grosso modo, se calou e contemporizou os crimes e abusos.

Podemos ir além: os produtores do *Raposa*, ao utilizarem o financiamento de um órgão oficial – a Fundação Cultural de Curitiba que, como dito, ainda tinha vínculos com a Ditadura Militar –, subverteram este financiamento, usando o dinheiro da Ditadura para criticar a mesma Ditadura, através de uma linguagem sutil, que passava pela leitura da polícia política sem nenhuma desaprovação. O medo de investigações, perseguições, prisões, etc., estava presente no ambiente de produção do *Raposa*, conforme discutido no tópico 2.3, a partir da entrevista concedida por Ernani Buchmann. Mas não só a linguagem, como também as relações estabelecidas pelos seus produtores com os agentes políticos (como colocado no tópico 4.2), garantiu uma continuidade de trabalho de pouco mais de três anos de publicações do *Raposa* em sua segunda fase (de dezembro de 1980 à março de 1983). Trata-se da maior continuidade de publicação de um veículo alternativo curitibano.

Todos esses conflitos, de um periódico que se quer alternativo, mas depende de um órgão público, estão presentes não de forma escancarada, mas através de formas que somente com leituras precisas, atentas aos detalhes das páginas, que são percebidas. Por isso, em tentativas de julgar o jornal como alternativo ou não, através de leituras superficiais, não é possível alcançar a seriedade referente a este debate. É necessário estabelecer um método de leitura, orientado pela historiografia que possibilita tal estabelecimento, que dê conta de perceber os conflitos, e analisá-los de forma que se chegou a essas considerações aqui colocadas, compreendendo o *Raposa* como um periódico fruto de um período de abertura política, onde diálogos até então inacessíveis começavam a aparecer.

Na introdução desta dissertação, foi dito que um dos objetivos era apontar lacunas que a historiografia que trata da imprensa alternativa deixou. Uma dessas lacunas é o *Raposa*, pois não havia sido estudado ainda a fundo, e pensado como um periódico alternativo que convive com um órgão público. Isso foi central para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Outro caminho possível apontado também nesta dissertação para pesquisas futuras é a seguinte questão: como a polícia curitibana, com todo o seu aparato burocrático, perseguiu os produtores de periódicos alternativos da cidade? Em estudos sobre outras cidades brasileiras estas questões já foram estudadas. Mas especificamente sobre Curitiba esses estudos ainda não foram realizados, e estão no horizonte de minhas pesquisas futuras. Investigações sobre esse recorte espacial específico, mesmo sobre um tema já desdobrado sobre outras cidades, como São Paulo, podem levar a descobertas sobre situações muito específicas, que não se repetiram a nível nacional – como já demonstrado aqui no caso do *Raposa* e seu modo de financiamento.

LISTA DE FONTES

ANÚNCIO DO suplemento Raposa. Jornal **Diário do Paraná**, p. 9, 1º caderno, Curitiba, sexta-feira, 03 de fevereiro de 1978.

AS ARTES estão convocadas para a I Feira de Humor. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 27 mar. 1980.

ATEM, Reinoldo. Crítica publicada na Coluna Prós e Contras, jornal **Raposa Magazine**, n. 01, Curitiba, maio de 1981, p. 05.

_____. Poesia sem título. Página 03 do suplemento **Raposa**, n. 4, Diário do Paraná, Curitiba, 21 de março de 1978.

BOND, César. Crítica publicada na Coluna Prós e Contras, jornal **Raposa Magazine**, n. 01, Curitiba, maio de 1981, p. 05.

BORSARI NETO, F. Suplemento Anexo. Jornal **Diário do Paraná**, Curitiba, 06 de fevereiro de 1977, p. 02.

BUCHMANN, Ernani. Editorial. Jornal do Humor, n. 1, Jornal **Diário do Paraná**, Curitiba, 28 de março de 1976, p. 36.

_____. **Entrevista** concedida ao autor via telefone. Arquivo pessoal. 14 de setembro de 2020.

CAMPANHAS PREMIADAS. Suplemento Anexo. Jornal **Diário do Paraná**, 08 de março de 1977, p. 03.

CAPISTRANO, Werneck de. Diálogo-franco-atirador, p. 08 do suplemento **Raposa**, Jornal *Diário do Paraná*. Curitiba, domingo, 21 de maio de 1978.

_____. Te pego pela palavra, Leminski. Suplemento Anexo, Jornal **Diário do Paraná**, Curitiba, 08 de julho de 1977, p. 4.

CENTURIÃO, Alberto *et al.* **Reis Magros**. Curitiba: Editora Beija-Flor, 1978.

_____. *Et al.* **Sangra:Cio**. Curitiba: Retrocopy Ltda., 1980.

COMEÇA HOJE a operação Pólo Cultural. Capa do jornal **Diário do Paraná**, Curitiba, 06 de fevereiro de 1977.

DUARTE, Otávio. Crítica publicada na Coluna Prós e Contras. **Raposa Magazine**, n. 01, Curitiba, maio de 1981, p. 05.

FEIRA DO HUMOR reúne expressões nacionais. **Diário do Paraná**, Curitiba, 5 out. 1980. Segundo Caderno, p. 04

GENTIS, Roger. Suplemento Raposa, n. 08, p. 06. Jornal Diário do Paraná. Curitiba, domingo, 21 de maio de 1978.

GOMES, Rubinho. Editorial. **Raposa Magazine**, n. 0, Curitiba, dezembro de 1980, p. 01-02.

_____. Editorial. **Raposa Magazine**, n. 02, Curitiba, julho de 1981, p. 02.

_____. Editorial. **Raposa Magazine**, n. 03, Curitiba, setembro de 1981, p. 02.

_____. Editorial. **Raposa Magazine**, n. 04, Curitiba, novembro de 1981, p. 02.

_____. Editorial do Caderno Batom. **Raposa Magazine**, n. 04, Curitiba, novembro de 1981.

_____. Talento não tem pátria (nem dono) e não morde. Editorial. **Raposa Magazine**, n. 01, Curitiba, maio de 1981, p. 02.

JARDIM, Reynaldo; SILVEIRA, Marilú. Suplemento Anexo. Jornal **Diário do Paraná**, Curitiba, 06 de fevereiro de 1977, p. 01.

JARDIM, Reynaldo. Uma idéia em marcha. **Pólo Cultural**, n. 1, Curitiba, 15 de março de 1978, p. 02

_____. A responsabilidade social do artista. Suplemento Anexo, Jornal **Diário do Paraná**. Anexo, Curitiba, 27 de julho de 1977, p. 4.

LEMINSKI, Paulo. Arte = reflexo. In: RETTAMOZO, Luiz. **Retamorfose**: emoções geométricas. Proposta gráfica, 35º Salão Paranaense, 1978, p. 24-27.

_____. Carta à Régis Bonvicino de 23 de julho de 1978. Carta 24. In: _____. 1999, **Envie Meu Dicionário: Carta e Alguma crítica**. - São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 72.

_____. Carta à Régis Bonvicino de 25 de julho de 1978. Carta 29. In: _____. 1999, **Envie Meu Dicionário: Carta e Alguma crítica**. - São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 82.

_____. Carta à Régis Bonvicino de 22 de março de 1979. Carta 46. In: _____. **Envie Meu Dicionário: Carta e Alguma crítica**. - São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 126.

_____. Carta à Régis Bonvicino de 17 de junho de 1979. Carta 49, **Envie meu dicionário**. - São Paulo, Ed. 34, 1999, p. 131.

_____. **Central elétrica: projeto para texto em progresso**. In: _____. Ensaios e Anseios Crípticos. - 2ª ed. ampliada - Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.

_____. **Ensaios e anseios crípticos**. - 2ª Ed. Ampliada - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

_____. **Envie meu dicionário**: cartas e alguma crítica. - São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. Eu, pecador, confesso. Suplemento Anexo, Jornal **Diário do Paraná**, Curitiba, 14 de julho de 1977, p. 06.

_____. **Múltiplo Leminski**. Textos: Estela Sandrini, Alice Ruiz, Ivan Justen Santana. Catálogo da exposição realizada no Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, de 27 de outubro de 2012 a 09 de junho de 2013. - Curitiba-PR: Museu Oscar Niemeyer, 2013.

_____. **Toda poesia**. – 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a.

_____. **Uma carta uma brasa através**: cartas a Régis Bonvicino (1972-1981). São Paulo: Iluminuras, 1992.

_____. **Vida**: Cruz e Souza, Bashô, Jesus e Trotski– 4 biografias – 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b.

MAIS PRÊMIOS. Jornal **Diário do Paraná**, 1º Caderno, Curitiba, 14 de setembro de 1978, p. 02.

MENDONÇA, Maí Nascimento. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. V. 23, n. 114, dez/1996.

MERCER, Sérgio. Uma grande experiência profissional. *In*: MENDONÇA, Maí Nascimento. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. V. 23, n. 114, dez/1996.

MIRAN COM mais quatro prêmios internacionais. Jornal **Diário do Paraná**, 1º Caderno, Curitiba, 16 de julho de 1978, p. 09

MORAIS, Frederico. Em Curitiba, Feira Nacional do Humor e Desenho Brasileiro. **O Globo**, Artes Plásticas, Rio de Janeiro, 09 mai. 1980.

PARANÁ, Secretaria de Segurança Pública do Estado do. DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social. Jornal **Boca no Trombone**. Pasta temática 1188.142. Curitiba, 31 de outubro de 1980.

_____. **Antônio Carlos Martins Vaz**. Ficha individual 45.343.

_____. **Luiz Fábio Campana**. Ficha individual 06.871.

_____. **Luiz Fábio Campana**. Ficha individual 06.872.

_____. **Luiz Fábio Campana**. Pasta individual 2477.418.

_____. **Jornal Scaps**. Pasta temática 1241.146. n. 02248.

_____. **Luiz Carlos Ajalla Rettamozo**. Ficha individual 34.285.

_____. **Nilson Romeu Sguarezzi**. Ficha individual 39.153.

_____. **Nilson Romeu Sguarezzi**. Pasta individual 28877.433.

PIRES, Benedito. Editorial. Jornal **Boca no Trombone**, Curitiba, outubro de 1980, p. 02.

PREMIAÇÕES. Jornal **Diário do Paraná**, 1º Caderno, Curitiba, domingo, 16 de julho de 1978, p. 09.

PROPAGANDA DA revista Panorama, jornal **Diário do Paraná**, 7 de dezembro de 1974.

RETTAMOZO, Luiz. Editorial. O Espalhafato, n. 01, Revista **Panorama**, Curitiba, dez. 1974, p. 49.

RUIZ, Alice. Exploração. Suplemento *Batom*. **Raposa Magazine**, n. 04, novembro de 1981.

SADE, José Carlos. Coluna Dieffenbachia Sade: comigo-ninguém-pode. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 04 mai. 1979, p. 3.

SALDANHA, João. Solta o Verbo. Suplemento Chulé, **Raposa Magazine**, n. 0, Curitiba, dezembro de 1980, p. 03 e 06.

SOLDA. Tempo. **Solda Cáustico**, 10 de outubro de 2019. Disponível em: <http://cartunistasolda.com.br/um-jornal-que-respeitava-a-grande-imprensa-como-se-fosse-sua-mae/>.

SUPLEMENTO HERBLUBALINDO. **Raposa Magazine**, n. 03, Curitiba, setembro de 1981.

TEIXEIRA, Nireu. Meu amigo Sérgio Mercer. In: MENDONÇA, Maí Nascimento. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. V. 23, n. 114, dez/1996.

VELOSO, Caetano. Orelha do livro. In: LEMINSKI, Paulo. **Caprichos & Relaxos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

WOJCIECHOWSKI, Antonio Thadeu. **Sala 17**. Curitiba, PR: Gráfica e Editora Cruz de Malta, 1976.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Cláudio. **A Regra do Jogo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- ABREU, Alzira Alves de. **Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50**. In: _____ (org.) *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- AGUIAR, Flávio. **Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo**. In: MARTINS, Ana Luiza e DE LUCA, Tania Regina. *História da Imprensa no Brasil*. 2ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2012.
- ANTONELLI, Diego. **Jornal Voz do Paraná: uma história de resistência**. Curitiba: Editora Esplendor, 2019.
- ATEM, Reinoldo. **Panorama da poesia contemporânea curitibana**. Dissertação (Mestrado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1990.
- BACK, Sylvio. **Depoimento**. In: CÔRTEZ, Carlos Danilo Costa. *O Diário do Paraná na Imprensa e Sociedade Paranaenses*. Curitiba: Editora Paranaense, 2000.
- BRAGA, Paula. **Hélio Oiticica**. 1ª ed. – São Paulo: Folha de São Paulo: 2013.
- CALDI, Leonardo; LIMA, Edna Lucia Cunha. A Raposa: influências de Herb Lubalin no trabalho de Miran. In: C. G. Spinillo; L. M. Fadel; V. T. Souto; T. B. P. Silva & R. J. Camara (Eds). **Anais do 7º Congresso Internacional de Design da Informação**. São Paulo: Blucher, 2015.
- CÂMARA, Mario. **Corpos Pagãos: usos e figurações na cultura brasileira (1960-1980)** – tradução de Luciana di Leone. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- CANDIDO, Antonio. **Prefácio**. In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p. 71-75
- CARDOSO, Rafael. **Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado**. In: KNAUSS, Paulo *et al* (Orgs.). *Revistas ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. – Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.
- COELHO NETO, Raphael. Resistência política, redes intelectuais e atividades editoriais no exílio durante a ditadura militar chilena. **Intellèctus**, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 2, 2019, p. 143-162.
- CÔRTEZ, Carlos Danilo Costa. **O Diário do Paraná na Imprensa e Sociedade Paranaenses**. Curitiba: Editora Paranaense, 2000.

COSTA, Osvaldo da Silva; SANTOS, Roberto Elísio. Geandré – O Desenho de Humor, da Infância ao Jornal Ovelha Negra. In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, AM – 4 a 7/9/2013.

D'ANGELIS, Taís Silva Rocha; NASCENTES, Maria Cristina Cabral. O Setor Histórico de Curitiba na construção da imagem da “cidade-modelo” de Curitiba. In: **Anais da XVII Enanpur** – São Paulo, 2017.

DARNTON, Robert. **Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime** – São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura.** – 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **O diabo na água benta ou a arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão.** – 1ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Poesia e Polícia: redes de comunicação na Paris do século XVIII.** – 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DE LUCA, Tânia Regina. **A Revista do Brasil (1916-1944): notas de pesquisa.** In: FERREIRA, A. C.; BEZERRA, H. G.; LUCA, T. R. (Orgs.). O historiador e seu tempo: encontros com a história – São Paulo: Editora UNESP; ANPUH, 2008a.

_____. **História dos, nos e por meio de periódicos.** In: PINKSY, Carla Bassanesi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008b.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **Redes Intelectuales en América Latina:** Hacia la constitución de una comunidad intelectual. 1ª Ed. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados, Universidad Santiago de Chile, 2007.

DINIZ, Sheyla Castro. **Desbundados e marginais:** MPB e contracultura nos “anos de chumbo” (1969-1974). Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2017.

FABRIS, Annateresa. O corpo como território do político. **Baleia na Rede:** Revista online do Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura. v. 1, n. 6, dez. 2009, p. 416-429.

FREITAS, Artur; KAMINSKI, Rosane. “Desinformação”: Design e Sócio-Semiótica. **Da Vinci**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 71-82, 2006.

FREITAS, Artur. **Festa no vazio: performance e contracultura nos encontros de arte moderna.** São Paulo: Intermeios, 2017.

GALVÃO, Demétrios Gomes. **Ressonâncias no meio do caminho e/ou no caminho do meio: a poética infame dos fanzines.** In: MUNIZ, Celina Rodrigues (Org.). Fanzines: Autoria, Subjetividade e Invenção de Si. – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

GINSBURG, Allen. **Uivo, Kaddish e outros poemas**. Tradução de Cláudio Willer – Porto Alegre: L&PM, 2016.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. Notas sobre uma experiência de trabalho com fontes: arquivos privados e jornais. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 1, nº 2, set. 1981.

GONÇALVES, Daniel José. **O Desbunde como manifestação política: a identidade de gênero na obra de Ana Cristina César**. Dissertação (Mestrado em Letras), Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2008.

GUERRA, Nayla Tavares. Entre a redação e o set de filmagem: a circulação do pensamento feminista na Ditadura Civil-Militar (1970/1980). **Epígrafe**, São Paulo, v. 10, n. 1, pp. 78-110, 2021.

JÁCOME, Phellipy; VIEIRA, Itala Maduell. O lado B do jornalismo: como os cadernos culturais entram na história. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 03, dez. 2018/mar. 2019.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Ed. 70, 2007.

KAMINSKI, Rosane. **A formação de um cineasta: Sylvio Back na cena cultural de Curitiba nos anos 1960**. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

_____. **Arte e imprensa: cenas da violência no Brasil**. In: KAMINSKI, Rosane, HONESCO, Vinícius, SEREZA, Luiz Carlos (Orgs). *Artes & violências* – São Paulo: Intermeios, 2020.

_____. **Imagens de revistas curitibanas: análise das contradições na cultura publicitária no contexto dos anos setenta**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Curitiba: UTFPR, 2003.

KHOURI, Omar. **Revistas na era pós-verso: revistas experimentais e edições autônomas de poemas no Brasil, dos anos 70 aos 90**. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

KNAUSS, Paulo. **Introdução**. In: _____ *et al* (Orgs.). *Revistas ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. – Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 2. ed. – São Paulo: EDUSP, 2001.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988**. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade

Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2001.

MELO, Chico Homem de; RAMOS, Elaine. **Linha do tempo do Design Gráfico no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MENDES, Sérgio Luiz da Silva. A imprensa alternativa durante a ditadura militar no Brasil (1964-1984): um olhar historiográfico. **Contraponto** – Revista Eletrônica de História, Teresina, n. 1, v. 1, jun. 2011.

MENDONÇA, Dante. Será o Benedito? **Tribuna do Paraná**, Curitiba, 07 de setembro de 2008. Disponível em: <https://tribunapr.uol.com.br/blogs/dante-mendonca/sera-o-benedito-2/>. Acesso em: 27/07/2021.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e a classe dirigente no Brasil**. In: _____. Intelectuais à brasileira. São Paulo. Companhia das Letras, 2001. O texto original foi publicado pela editora Difel, São Paulo, 1979.

MORAES, Everton. **A escrita como guerra: ética e subjetivação nos fanzines punk**. In: MUNIZ, Celina Rodrigues (Org.). Fanzines: Autoria, Subjetividade e Invenção de Si. – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

_____. **“Cortar o tecido da história”**: condutas e imagens do tempo em Paulo Leminski e Luiz Rettamozo (1975-1980). Tese (Doutorado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

_____. Da solidão do deserto ao caos das trevas exteriores: Ascese e invenção em Paulo Leminski. **ALEA** – Rio de Janeiro, vol. 20/2, p. 74-91, mai-ago. 2018.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NAPOLITANO, Marcos. **Coração Civil: A Vida Cultural Brasileira Sob o Regime Militar. 1964 a 1985. Ensaio Histórico**. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2017.

OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo** – Curitiba: Ed. da UFPR, 2000.

_____. **Urbanização e industrialização no Paraná** – Curitiba: SAMP, 2017.

PAROS, Felipe Martins. O túmulo do poeta, a roda da vida e o tempo que passa: sobre a poética computacional de Erthos Albino de Souza. **Interdisciplinar**. Ano XI, v.26, set.-dez. 2016. Universidade Federal de Sergipe – UFS, p. 183-198.

PERBICHE, Matheus Pacheco. Lutas pela liberdade de expressão dos colaboradores do jornal Raposa Magazine – Curitiba, 1978-1983. In: TAROCCO, Gabrielle Barra; FREITAS, Júlia

Machado de Souza; e SOUZA, Marco Antônio Campos e (Orgs.). **Anais da XXXVI Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora**. Entre golpes e democracias: Narrativas históricas de um sonho em vertigem. Juiz de Fora, 2020, pp. 854-869.

RIOARTE, Fundação. **Catálogo da Imprensa Alternativa**. Rio de Janeiro: Rioarte, s/d, p. 149. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/catalogo_imprensa_alternativa.pdf.

SÁNCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. In: **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 16, jun. 2001.

SEVERINO, Tatiane. **Além do visível: imagens de humor do suplemento cultural Anexo (1976-1977)**. Dissertação (Mestrado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SILVEIRA, Cristiane. **Cultura política versus política cultural: os limites da política pública de animação da cidade em confronto com o campo das artes visuais na Curitiba Lernerista (1971-1983)**. – Tese (Doutorado em História): Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SOUZA, Nelson Rosário de. Planejamento urbano em Curitiba: Saber técnico, classificação dos cidadãos e partilha da cidade. In: **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 16, jun. 2001.

SOUZA, Ney Alves de. **História e histórias da propaganda no Paraná**. Curitiba: SINAPRO, 2001.

SUSSEKIND, Flora. **Hagiografias**. Seminário Euraca, mai. 2014. Disponível em: <<https://seminarioeuraca.files.wordpress.com/2014/05/hagiografias.pdf>>.

TAMIÃO, Juliana Segato. **Escritas Feministas: os jornais *Brasil Mulher*, *Nós Mulheres* e *Mulherio* (1975-1988)**. Dissertação (Mestrado em História Social). PUC-SP: São Paulo, 2009.

VAZ, Toninho. **Paulo Leminski: O bandido que sabia latim**. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VIEIRA, Maria Lucia. **O Nicolau, um jornal cultural**. Volume I. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 29.